

O monumento, a praça e a personagem Maria Taquara

The monument, the square and the character Maria Taquara

Maria de Lourdes Fanaia Castrillon¹

Ana Graciela M. F da Fonseca Voltolini²

Fabiane Krolow³

RESUMO: O objetivo deste texto é abordar alguns aspectos sobre a protagonista Maria Taquara, que na primeira metade do século XX, a sua escultura foi fixada em uma das praças pública, e essa recebeu a mesma denominação na década de 1980, em Cuiabá. A Praça Maria Taquara está localizada nas proximidades do centro histórico da capital mato-grossense ao lado de uma via a qual acolhe grande parte do fluxo urbano que corta o centro da cidade. A praça, juntamente com as ruas, consiste em um dos mais importantes espaços públicos urbanos da história de Cuiabá, tendo, desde os primeiros tempos da Colônia, desempenhando um papel fundamental no contexto das relações sociais em desenvolvimento (Silva, 2009). A protagonista Maria da Conceição descendente afro-brasileira, lavadeira recebeu o apelido de Maria Taquara, viveu em Cuiabá entre as décadas de 40 a 50 do século XX e devido aos modos de ser e de viver diferenciava de outras mulheres. São escassas as pesquisas que versam sobre a personagem, uma das razões da pesquisa, e até o momento observa-se a ausência de dados oficiais de sua biografia. Para elaborar o artigo utilizamos a pesquisa etnográfica, a netnografia um método da ciência da informação, ferramenta tecnológica que leva em conta os ambientes virtuais como os jornais digitais e os sites institucionais.

PALAVRAS CHAVES: Maria Taquara; Monumento; Praça. Cuiabá.

ABSTRACT: The objective of this text is to address some aspects about the protagonist Maria Taquara, who in the first half of the 20th century, her sculpture was fixed in one of the public squares, and this received the same name in the 1980s, in Cuiabá. Praça Maria Taquara is located close to the historic center of the capital of Mato Grosso, next to a road that hosts a large part of the urban flow that cuts through the city center. The square, together with the streets, consists of one of the most important urban public spaces in the history of Cuiabá, having, since the early days of the Colony, played a fundamental role in the context of developing social relations (Silva, 2009). The protagonist Maria da Conceição is an Afro-Brazilian descendant, a washerwoman

¹ Doutora em Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós Graduação (PPGECCO) da UFMT-profª da Universidade de Cuiabá. mary_lourdes1996@hotmail.com

² Doutora em Comunicação Social pela UMESP. Pós-doutorado ECCO - Universidade Federal de MT (2017). Docente na Faculdade de Comunicação Social e da Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – UNIC.e-mail: fonsecaanagraciela@gmail.com

³ Mestra no programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT

given the nickname Maria Taquara, she lived in Cuiabá between the 40s and 50s of the 20th century and due to her ways of being and living she differed from other women. There is little research into the character, one of the reasons for the research, and to date there is a lack of official data on her biography. To prepare the article, we used ethnographic research, netnography, an information science method, a technological tool that takes into account virtual environments such as digital newspapers and institutional websites.

KEYWORDS: Maria Taquara; Monument; Square. Cuiabá.

INTRODUÇÃO

Maria Taquara é uma personagem que viveu em Cuiabá, na primeira metade do século XX, e teve a sua escultura fixada no espaço da praça que concomitantemente recebeu o nome da protagonista na década de 1980. Procuramos mostrar quem é a personagem e o que representa na memória coletiva da capital mato-grossense. O uso intenso do lugar se dá de forma temporária como um ponto de passagem e ligação de pessoas, vindas de várias regiões, e o centro da cidade, no entanto esse objetivo leva ao local outros usos associados, como a instalação de locais pontos de comercialização de produtos que são do interesse dessas pessoas.

A Praça Maria Taquara situa-se em meio à uma série de outras praças nas suas proximidades, tendo a Praça Ipiranga na Avenida Tenente Coronel Duarte, com fluxo direto, a Praça Bispo Dom José um pouco mais afastada, mas também situada na “Prainha”. Pontualmente a praça se estabelece como um ponto de congruência entre a Avenida Tenente Coronel Duarte popularmente conhecida como “Prainha” e a Rua Clóvis Huguenei, sendo porta de acesso para edificações nas quais se abrigam pessoas que, à espera de meios de transporte público, ônibus, dali se distribuem para os demais espaços do Centro.

Figura 1 - Localização da Praça Maria Taquara.



Fonte: Google Earth (2017), adaptado.

Nossa concepção da Praça Maria Taquara como um “lugar”, então, como um espaço geográfico, embasa-se na visão Humanística e Crítica da Geografia, conforme desenvolvida em estudos de autores da área, a exemplo de Noêmia Vieira (2008), e Helena Callai (1999). Com um papel relevante no ensino de Geografia, o lugar tem como premissa questões relacionadas à identidade e ao pertencimento das pessoas aos diferentes locais que ocupam e que vivenciam ao longo de sua vida.

Na acepção de Callai (1999):

O estudo da geografia insere-se neste âmbito, na perspectiva de dar conta de como fazer a leitura do mundo, incorporando o estudo do território como fundamental para que possa entender as relações que ocorrem entre os homens, estruturadas em um determinado tempo e espaço. (Callai,1999, p.75).

Vieira (2008, p 13), relaciona o lugar como o espaço habitado, como resultado de uma cultura. Alega que em sua análise tem que ser visto dois aspectos, o primeiro salienta que na “[..] abordagem do lugar é preciso ultrapassar a simples noção de localização geográfica e o segundo se refere à necessidade de conceber o lugar como um espaço que tem a ver com a cultura e com a existência de quem habita” (Vieira, 2008, p.13).

Nessa perspectiva, se partirmos para o conceito de paisagem cultural, que reflete a materialização das experiências vividas relacionando o homem ao mundo e este com as pessoas e suas identidades e ao sentimento de pertencimento com relação ao lugar, perceberemos que a construção do real, é na verdade permeada de histórias e de experiências humanas. Desta forma, segundo Sun (2011) o acesso “[...] é fundamental para a apropriação e o uso de um espaço. Entrar em um lugar é condição inicial para poder usá-lo. Stephen Carr classifica os três tipos de acesso ao espaço público como físico, visual e simbólico ou social” (Sun, 2011, p. 25).

Figura 2 - Localização da Praça Maria Taquara, entre as Praças do Entorno.



Fonte: Adaptado, Google Earth. 2009.

Quanto ao uso, a Praça Maria Taquara apresenta uma particularidade em relação aos demais espaços existentes nas proximidades. A via lateral, Rua Clóvis Huguenei com sentido do bairro, em direção à “Prainha” é utilizada apenas pelo transporte público de Ônibus da capital, não tendo nesse percurso acesso direto por veículos de passeios (ou por outros), o que leva o espaço à justificativa do seu maior uso por pessoas que utilizam esse espaço por meio do transporte coletivo.

Figura 3 – Uso da praça por fluxo intenso de pedestres.



Fonte: Mato Grosso Notícias (29 abr. 2017)

Como já foi dito, no espaço da Praça Maria Taquara desenvolve-se uma série de atividades, as quais ocorrem na sua grande maioria, exatamente como o já dito, em função do grande fluxo de pedestres, que utilizam do local lugar ao para fazer uso dos meios de transporte público.

Os principais elementos que se destacam na praça, no seu uso, são os equipamentos urbanos dos pontos de Ônibus e quando havia os pontos de moto táxis, pois até um tempo atrás era o meio alternativo de transporte em relação ao Ônibus.

Figura 4 - Pontos de ônibus e mototáxis.



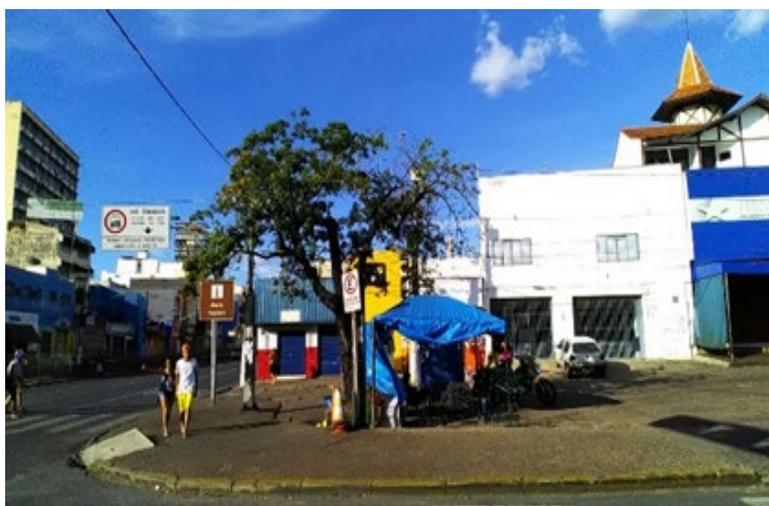
Fonte: Acervo das Autoras, 2017.

Nesse sentido, a praça concentra em seu interior intenso fluxo de transeuntes e comércio, razão pela qual pode ser entendida como lugar de sociabilidade, consoante pondera Alex Sun (2011) ao citar o geógrafo Gomes, que:

[...] defende o espaço público como o lugar da sociabilidade, a mise-en-scène da vida pública em que exercita a arte da convivência. Para ele, “o lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos, e estes, por sua vez, reafirmam o estatuto público deste espaço”. O espaço público, portanto, deve ser visto como um conjunto indissociável das formas assumidas pelas práticas sociais” (Sun, 2011, p. 20).

Percebemos que devido ao fluxo intenso de pessoas esse lugar dispõe de equipamentos urbanos para o comércio e alimentação, o que se dá por barracas e vendedores móveis.

Figura 5. Praça Maria Taquara



Fonte: Acervo das autoras 2017.

A praça se constitui também no caminho por meio do qual pessoas, a pé ou motorizadas, têm acesso a edificações estabelecidas a sua volta. Aos finais de semanas, por exemplo, os comerciantes estacionam seus carros no local.

Na fachada de edificações da praça conforme a figura 8, encontram-se edificações comerciais dentre as quais: bares e espaços de lazer; ali já existiu até uma casa de carnes; lojas de utensílios domésticos e vestuário; um prédio de manutenção de eletrônicos. Em termos estruturais, há edifícios que guardam traços da arquitetura contemporânea, como o “Alucobonde”, o referido espaço de manutenção de eletrônicos, cuja fachada é revestida em alumínio composto de cor forte e intensa, material tendência na época da tomada fotográfica, oferecendo um brilho que reluz entre as demais construções. No entanto, na observação geral da praça, situada em uma região cujo entorno possui diversas obras consideradas patrimônio histórico. A figura 6 ilustra uma fachada geral da praça e nela é possível observar o rompimento entre traços que estão em sintonia em estilos sóbrios em relação aos traços da edificação do segundo pavimento do estabelecimento intitulado “Estrela do lar”.

Figura 6 - Fachada da Praça Maria Taquara



Fonte: acervo das Autoras, 2017.

Em relação à ocupação do espaço livre no interior das praças, há que se ressaltar aqui a importância das praças em face dos seus valores funcionais como espaço de lazer e dos valores estéticos e simbólicos como objetos de referência da paisagem urbana e identidade do município.

Em face disso, as praças podem ser divididas em três classificações, conforme Macedo e Robba (2002 apud Vieiro; Barbosa, 2009):

1. Valores ambientais

Os Valores Ambientais dizem respeito ao espaço livre ocupado pelas praças que permite: melhoria na ventilação e aeração urbana; melhoria da insolação de áreas mais adensadas; as árvores promovem o sombreamento das ruas e seus canteiros não irradiam tanto calor como o asfalto ou piso de concreto, propiciando o controle da temperatura; a cobertura vegetal permite a melhoria na drenagem das águas pluviais e a proteção do solo contra a erosão.

2. Valores funcionais

Os Valores Funcionais correspondem à importância que muitas praças têm como as principais, senão únicas, opções de lazer urbano. Estas áreas servem como ponto de encontro, local aberto para apreciação da paisagem, além de disporem, muitas vezes, de outros atrativos destinados ao lazer da população, como: coretos para apresentações culturais, fontes que jorram água, bancos para descanso, quiosques com vendas de lanches, barras de ginástica, pistas de caminhada e cicloviárias, parquinhos para crianças, entre outros.

3. Valores estéticos e simbólicos

Os Valores Estéticos e Simbólicos representam a função das praças enquanto objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercerem importante papel na identidade de um município, bairro ou rua. Geralmente relacionado à carga histórico-cultural, as praças são vistas e atuam como espaço de diálogo, local acolhedor para o passeio e lazer de toda sociedade. Do ponto de vista estético, as praças contribuem através das qualidades plásticas – cor, forma, textura – de cada uma das partes visíveis que as integram.

Desses valores, a Praça Maria Taquara apresenta mais explicitamente ao estético e simbólico, pela identificação do monumento que nomeia o local, e o reconhecimento do valor deste pela população transeunte. No entanto, representa uma memória estática na sua relação com o centro histórico e demais pontos de referência do patrimônio histórico cultural e arquitetônico da cidade.

A Praça dialoga também com a Igreja do Bom Despacho, de estilo neogótico e situada em nível superior, o que propicia uma bela visão aos usuários da própria praça e das vias próximas. Podemos observar que à Praça Maria Taquara se atribuem duas caracterizações de valores simbólicos paralelos aos usos do local, mas sem inferir nem interferir nesse aspecto:

Simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Sua importância refere-se a seu valor histórico, bem como a sua participação contínua na vida da cidade. Kevin Lynch apresenta com

clareza a definição de que a praça é um lugar de convívio social inserido na cidade e relacionado a ruas, arquitetura e pessoas (Sun, 2011, p. 23).

Figura 7 – Visualização do monumento à Maria Taquara e da Igreja Bom Despacho



Fonte: Google Street View (08 abr. 2017).

A paisagem árida e insólita em conjunto com as atividades do local, explica a falta das características dos valores funcionais como lazer urbano, tendo aqui uma alteração nos valores funcionais, devido a sua grande importância para o fluxo de pedestres.

Através da etnografia realizada na Praça Maria Taquara e a reflexão do espaço enquanto “lugar”, observa-se que ali trata-se:

[...] essencialmente de uma área em que se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutem-se da copresença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo” (Sun, 2011, p. 20).

A CIDADE E O MONUMENTO: “MARIA TAQUARA”

Ítalo Calvino (1972) ao descrever sobre a cidade dos tempos medievais, argumenta sobre as várias cidades dentro da mesma pois para o autor é possível analisar uma cidade mediante o que ela é e o que foi um dia. A cidade possui um conjunto de memórias, de linguagens, de desejos, de recordações. Para Sandra Pesavento (2007);

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam. (Pesavento, 2007, p. 15).

A cidade possui diversos pontos de referências materiais, simbólicos e afetivos constituídos também pelas variadas relações sociais, ou seja, a cidade é construída das experiências humanas dos homens e mulheres das diferentes categorias sociais que nela viveram. Portanto o espaço citadino da capital mato-grossense, que surgiu no período colonial, passou por diversas mudanças em variados momentos históricos, como por exemplo, a expansão e reurbanização ocorrida na década de 1980 e foi nesse contexto que surgiram tanto as ampliações das ruas e avenidas da cidade, bem como, a estátua da protagonista Maria. Levantamos alguns questionamentos sem necessariamente dar soluções, pois se os grupos sociais forjam estratégias para legitimar memórias, que discussões políticas ocorreram para a escolha do nome da Praça e do monumento de Maria Taquara, representada na localidade em estudo?

Sublinhemos que a estátua representa um monumento, porém, até a década de 1970, uma escultura, estátua ou um monumento por si só não era considerado um documento histórico. Segundo Le Goff (1996, p. 545), o monumento é um documento e não representa apenas passado. É também produto da sociedade que o fabricou, de acordo com as relações de poder; dependeu de uma intenção proveniente das relações de poder.

Acrescenta-se que na historiografia brasileira, até a década de 1970, inexistiam discussões que valorizassem temáticas sobre gênero. Foi a partir da década de 1980 que houve a revolução historiográfica no ensino da História e da Geografia, cujos protagonistas como a mulher, negro, índios entre outros até então não eram valorizadas. Os nomes de ruas, praças, Becos, eram atribuídos à história dos heróis masculinos, políticos.

Zarbato evidencia a ausência historiográfica sobre a mulher e o patrimônio feminino é ainda. Maior, porém a autora considera que:

[...] a abordagem sobre “patrimônio em femenino” nos aponta para a inclusão das abordagens sobre a contribuição, representações, objetos, coleções femininas imersas no universo cultural. Isso também nos faz analisar as ações e saberes, que podem ser interpretados, ressignificados, com uma rede de concepções que trazem a importância das memórias femininas, das representações culturais, impulsionando, assim, que se ensine história por outro prisma, envolvendo as contribuições das mulheres em espaços históricos, em edificações, em museus, que se pontue a questão da história das mulheres e o patrimônio em âmbito diferencial para as análises históricas (Zarbato, 2021, p 701).

Foi nesse contexto, que a estátua Maria Taquara foi assentada no local, mais precisamente em 1989, autorizada pela gestão do arquiteto Gustavo Arruda (*in memoriam*), que Cuiabá ganhou o monumento a Maria Taquara. As mudanças ocorridas não foram somente no sistema educacional brasileiro, mas nos setores econômicos, sociais e culturais e especialmente políticos como a Constituição Brasileira que considera a igualdade de gêneros e os direitos humanos, e na década de 1980 ocorreram os fluxos migratórios para o Estado de Mato Grosso e o processo da reurbanização da capital mato-grossense.

A partir das mudanças mencionadas na década de 1980, houve a preocupação com a perda de uma “identidade cuiabana” e isso fez com que emergissem movimentos referentes à valorização da cultura local, principalmente, por conta da vinda dos novos migrantes e da crítica destes aos costumes locais (Amedi, 2012, p.58).

A escolha da personagem não foi isenta de intenções, dependeu de alguns valores e de percepções, do mesmo modo que, as apropriações são múltiplas, ou seja, as interpretações dessa ou de outras imagens depende de um universo de questões, do lugar social, de quem observa e da formação cultural de cada grupo social. Nesse contexto, autoridades políticas desenvolvem-se uma série de ações voltadas para a construção de museus e de centros de memória. Houve também a proliferação de discursos sobre tombamentos do centro histórico, valorização da mulher, do negro, do índio e de ícones cuiabanos. Nesse contexto Maria da Conceição (Maria Taquara), a mulher negra que através dos modos de viver e ser e de fazer cultura, adquiriu visibilidade. Portanto, um monumento segundo Le Goff (1996, p. 547) é um documento e a imagem de Maria Taquara é um fato histórico da cidade de Cuiabá, embora não se saiba a origem da personagem e nem há menção de quando saiu do cenário cuiabano, apenas indícios que o sotaque de Maria era nordestino. O monumento foi criado pelo artista plástico Haroldo Tenuta (*in memoriam*) e restaurada em 2009.

[...] O início da década de 1980 trouxe a produção de uma “nova” sensibilidade urbana, intimamente ligada a uma produção de identidades, o que confirma o forte caráter identitário da política moderna. Os administradores da cultura cuiabana passaram a ser influenciados pelo dispositivo das nacionalidades e do discurso nacional-popular (Amedi, 2012, p.58).

A história da protagonista foi constituída pelos olhares de uma sociedade que na época designou adjetivos fora dos enquadramentos normativos sociais. Maria Taquara é uma personagem que para muitos tornou-se uma lenda em Cuiabá. O que se sabe sobre ela é que era mulher esguia, quase sem seios, cabelos encrespados, requeimada de sol e possuía um sotaque nordestino.

É considerada uma pioneira na igualdade e direitos sociais para as mulheres (Maria Taquara, Fantastipedia - Fantasia Wi. s/d).

Figura 8: Maria Taquara nas páginas da Revista



Fonte: Acervo da Revista Nossa Gente 2022.

Nessa revista consta outra história: “Maria tinha com estilo de hippie e até mesmo de prostituta, tinha uma certa debilidade mental porque tinha perdido um filho”, são os enigmas da história, mas de todo modo é mais uma narrativa que explica o perfil da mulher solteira na primeira década do século XX.

O conjunto de práticas sociais de um determinado grupo social, são repletas de estratégias e sempre são intencionais (Chartier,1988).

Como já dito:

[..] a “Praça Maria Taquara é, também, um espaço dotado de símbolos, palco de transformações históricas e socioculturais, constitui um conjunto de bens culturais (escultura, estátua, herma, obeliscos), sendo assim evoca algo ou alguém e, de certo modo, está à serviço da cultura, com sentido de construção da memória da sociedade, da cidade. Como

qualquer outro equipamento urbanístico, a praça é um lugar pensado, planejado e construído para servir de local de lazer, espaço de encontro e de diversas manifestações socioculturais dos moradores das cidades. (Frota, 2010. p. 448).

O monumento Maria Taquara faz parte do conjunto de patrimônio material e imaterial de Cuiabá e remete a uma identidade cultural, um conjunto dos bens culturais, constituem o patrimônio cultural referente às identidades coletivas (Tomaz, 2010. p. 7). Le Goff (1996), considera a importância de valorizarmos todo material histórico como documento, independente do registro escrito, os indícios da cultura material (habitação, praça, objetos entre outros).

Contudo o referido monumento “Maria Taquara” é apropriado na memória coletiva, sob diversos olhares e significados, cada grupo social fundamenta um acontecimento, de forma diferenciada, ou seja, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos. Segundo Bergson (1999, p. 77) a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, reelabora o passado e o presente. Por exemplo, a Prainha no passado representou um local da mineração cuiabana e no presente à materialidade do monumento.

[...] o patrimônio cultural reflete também o que os grupos sociais definem como representantes das identidades de cada região, de cada grupo, de construções subjetivas que estão ao alcance de todos/as no espaço público, o que impulsiona a relação com a memória, pois, o uso do patrimônio cultural relaciona-se com a memória social e coletiva e também com a história local(Zarbato ; Santos, 2015, p.66).

De acordo com a pesquisa etnográfica realizada no local alguns transeuntes que circulam no espaço da Praça Maria Taquara disseram que não percebem a escultura, mas sim a estrutura do local um pouco descuidada, poluída de lixo, conforme a figura abaixo, porém, outros disseram que o monumento é importante para cidade, associando-a com “o coração da cidade”. Observa-se que a expressão o coração da cidade se refere mais pela localização da praça como parte central da cidade do que propriamente sobre o monumento, está num local notável por outro lado há um ofuscamento com relação a valorização do monumento e da própria personagem, cujo valor histórico atribuído mais à cidade, ou à praça.

Figura 9: A base onde está o monumento da Maria Taquara 2013.



Fonte: Lopes, 2013

O local onde se encontra o monumento congrega transeuntes que por ali circulam seja no período diurno ou noturno, é um espaço que reúne uma variedade de experiências humanas e, portanto, também não se pode omitir a existência de variedades de problemas sociais, como a prostituição, moradores de rua entre outros:

(...) naturalmente, a forma de uma cidade, seus prédios e movimentos contam uma história não verbal do que a urbe vivenciou um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e as sociabilidades se alteraram inexoravelmente, seja enquanto forma, função ou significado. (Pesavento, 1995, p. 11).

Na placa fixada consta os seguintes dizeres:

MARIA TAQUARA

Na década de 40, viveu em Cuiabá, MARIA TAQUARA, muito alta, magra, negra, tihosa, sisuda, esperta, maltrapilha e desembaraçada. Não tinha filhos. Sempre soube que a vida não seria fácil, ainda mais em uma sociedade conservadora. Mas foi neste contexto histórico que Taquara se transformou em uma Lenda da nossa cultura. Foi a primeira mulher a abolir saias. Ela viu na calça comprida a sua marca registrada. O motivo era a profissão, que exigia roupas práticas e resistentes para o trabalho no córrego da Prainha. Sempre com uma trouxa na cabeça, de casa dos patrões para sua casa e vice e versa. Não há registro de seu nome completo, data de nascimento e morte... simplesmente desapareceu (Gomes, 2016. s/ d).

Desta forma, a pesquisa etnográfica realizada no local denotou que alguns transeuntes que circulam no espaço da Praça Maria Taquara disseram que não percebem a escultura, mas sim a estrutura do local um pouco descuidada, poluída de lixo, conforme a figura abaixo, porém, outros disseram que o monumento é importante para cidade, associando-a com “o coração da cidade”. Observa-se que essa expressão se refere mais pela localização da praça como parte central da

cidade do que propriamente sobre o monumento, ofuscando a valorização do monumento e o valor histórico atribuído mais à cidade, ou à praça.

Outro detalhe, segundo Bezerra (2007, p. 97), em Cuiabá havia o hábito de colocar apelidos nos conhecidos tipos populares. Esse fato é revelador da relação que a cidade mantinha com tais exóticas personalidades. Preferimos não os apelidos caseiros, geralmente carinhosos, mas os ‘de rua’ aqueles que ocasionavam malquerenças e, muitas vezes, agressões. Cuiabá era fértil em apelidos e a denominação diz respeito ao comprimento do bambu (Severino, 2013). Além de Maria Taquara, também havia a presença de outros personagens na vida cotidiana da cidade: Zé Bolo Flor, Antônio Peteté, General Saco, Zaramella, Cobra Fumando, Barba de Arame, entre tantos outros, evocados constantemente nas narrativas e na crônica cuiabana (Bezerra, 2007, p. 98). Embora tivessem características singulares⁴, o que tinham em comum os personagens, era a familiaridade com a rua, porém a segregação do espaço público constituiu-se na marginalização social e ainda são escassas as produções científicas sobre a personagem, e, de modo geral, há muitos estereótipos atribuídos a imagem da protagonista reproduzidos no meio social. As narrativas versam muitas lendas sobre a ícone Maria Taquara.

É possível também dizer que o monumento é um tema que deve ser abordado na sala de aula no ensino da História por se tratar da história local distante das simplificações, ou seja dos estereótipos reproduzidos muitas vezes por falta de maiores conhecimentos, pois ainda parece ser um conhecimento exógeno do ensino escolar.

o tema sobre a mulher na História é pertinente seja lá de qual segmento social for. abordagem da história das mulheres e patrimônio em feminino, compreende-se a inserção do saber/fazer de mulheres em diferentes tempos históricos, sua contribuição cultural à sociedade(zarbato, 2021, p .701).

Enquanto mulher negra despojada dos parâmetros sociais daquele momento, Maria Taquara é um tema que inclui discussões sobre as relações raciais uma vez que a política pública educacional, prevista nas orientações curriculares para a educação das relações étnicas raciais estabelecida pela Lei 10.639/03 legitima o ensino da História e da cultura afro brasileira e para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Em se tratando do Ensino Básico, atualmente a Base Nacional do Currículo Comum (BNCC), documento orientador do currículo, permite inserir assuntos relacionados com a

⁴ Prequeté, com uma bengala que batia incessantemente ao chão, vivia correndo atrás da meninada que o desafiava com a trova “Prequeté, tira bicho do pé pra comer com café”; Zé Bolo Flô era compositor e poeta; O Cabecinha, com sua pequenina cabeça e o General Saco, com seu coturno até o joelho e sua túnica branca repleta de medalhas que lhe cobria o peito, como se ele fosse mesmo um militar de alta patente.in; SEVERINO, Nelson, Maria Taquara, o mito dos mitos de Cuiabá. Mulher revolucionária, desafiadora dos padrões sociais da sua época. <https://www.hnt.com.br/cuiabania/maria-taquara-o-mito-dos-mitos-de-cuiaba/30935> .2013.acesso 16-04-2024.

História local nas escolas, numa forma de tentar acrescentar um conhecimento menos fragmentado já que, a História local faz parte da História de Mato Grosso e por sua vez está associada com a do Brasil.

A BNCC orienta as práticas pedagógicas, pois, cada região poderá ensinar conteúdos característicos de acordo com as comunidades locais, o que é essencial para o aluno, permitindo que as escolas tenham a liberdade de decidir aquilo que irá constar no currículo. Cada município deve definir seu currículo, um dos objetivos da BNCC é pensar sobre a diversidade de povos e culturas diferentes e suas formas de organização pois todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos (BNCC, p.397). Portanto é possível inserir na sala de aula temáticas que envolvem o patrimônio feminino pois a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Zarbato, 2021, p.705). Através do monumento é possível na sala de aula buscar novas indagações a respeito da protagonista e da própria cidade e aproximar o aluno da história local.

OUTRAS VISÕES SOBRE A PROTAGONISTA

Pela netnografia conseguimos abarcar diversas informações e não se trata de proposta metodológica inteiramente nova, mas de uma ampliação das potencialidades do método etnográfico tradicional para contemplar as especificidades do ambiente digital, a diferença é que possível acessar os dados quantas vezes for necessário (Correa; Rozados, 2017, p.3). São diversos os noticiários sobre a personagem e são muitos os adjetivos e muitas versões.

Coletamos a entrevista do historiador, escritor cuiabano Aníbal Alencastro⁵, de 2014, que conheceu Maria Taquara e segundo ele: “Maria era uma figura que fazia parte da paisagem urbana de Cuiabá”. Foi a primeira mulher a usar calças na década de 1960, com cigarro de palha e a trouxa de roupa na cabeça. No jornal RdNews (2019) consta que, em 1940, a retirante do Nordeste, era uma figura bastante comentada pela conservadora cuiabania. Lavadeira, também

⁵ ALENCASTRO (Aníbal). Geógrafo, professor, artista plástico, escritor e produtor cultural (Cuiabá-MT, 1944). Especialista em aerofotogrametria e sensoriamento remoto, também se dedicou às letras, ora lecionando, ora escrevendo sobre história de Cuiabá e cercanias. Segundo sua autobiografia, teve “sua adolescência ligada ao cinema”. Trabalhou nos cinemas São Luiz, Cine Teatro Cuiabá e Cine Bandeirantes, iniciando-se em estágio na antiga fábrica de projetores cinematográficos Simplex, R. Eckermann, em São Paulo, em 1961. Participou de inúmeros cursos sobre cinema e também se dedicou às artes plásticas. Escreveu os livros Freguesia de Nossa Senhora da Guia, em 1993, Anos dourados do nosso cinema, em 1996, e mais recentemente, em 2003, um livro de crônicas sobre Cuiabá. É membro efetivo do IHGMT, no qual foi eleito para ocupar inúmeros cargos de diretoria, inclusive o de vice-presidente. É membro da Sociedade Amigos do Marechal Rondon. É ativo produtor cultural e se dedica a produção de exposições sobre Marechal Rondon e cinema em MT, temas dos quais possui bom acervo. Em 2014, Aníbal aparece oferecendo parte de seu acervo sobre cinema ao MISC - Museu da Imagem e do Som de Cuiabá, compondo parte significativa desse ponto de cultura matogrossense.in; <http://www.portalmatogrosso.com.br/matopedia/alencastro-anibal> .acesso, 15-04-2024.

foi a primeira a vestir calças na cidade. As vestes facilitavam no seu trabalho. Como já foi dito, não se sabe de fato era migrante da região nordeste.

Já o historiador Pedro Félix diz na entrevista da RdNews (2019) que em linhas gerais a imagem de Maria foi construída sob o olhar masculino.

(...) é preciso separar com cuidado o que são os fatos e aquilo que apenas faz parte do imaginário popular. Ressalta que houve uma espécie de contaminação em teorias que visaram denegrir a imagem de algumas delas, em outros tempos, quando apenas homens poderiam ser historiadores ou jornalistas. "Uma coisa é se construir a história e outra coisa é como se conta a história. Precisamos dar destaque aos formatos fantasmagóricos e cheios de boatos que envolvem o universo feminino no decorrer dos séculos. A história é contada por uma visão machista. Geralmente o que se escrevia sobre tudo e todos partia só de olhares masculinos", comenta Pedro (Duarte, 2019, in: *RdNews*).

O senhor Aníbal Alencastro, também declara em outra entrevista do G1 em 2016 que conheceu a personagem, quando serviu no 16º Batalhão de Caçadores (atual 44º Batalhão de Infantaria Motorizado), localizado no início da Av. Lava-Pés, no bairro Goiabeiras, Maria da Conceição morava próximo da instituição militar:

Durante a vigília da noite, os soldados deixavam seus postos e pulavam os muros para se encontrarem com ela, cujo barracão ficava ao lado do quartel. Depois, o sargento passava e olhava para os fuzis deixados do lado do muro e com isso, vários homens eram presos pelo abandono de posto. Tudo pela Maria Taquara (Gomes, 2016, s/d).

Numa outra entrevista com Severino no jornal Hiper Notícias (2013), Aníbal Alencastro declarou que a primeira moradia dela em Cuiabá era na estrada do Ribeirão, que dava acesso à Nossa Senhora da Guia. Era um casebre de adobe, coberto com folhas de palmeiras. Com o tempo, segundo Aníbal Alencastro, ela se mudou nas proximidades do 16º Batalhão de Caçadores, (e no início da década de 80, transformou no 44º BIM).

Podemos observar na letra da música abaixo, alguns conceitos destinados à protagonista, que classificam o papel e função na escala social que naquele momento histórico o perfil de sociedade era patriarcal, e a função social essencial da mulher era estar centrada na família. Diante desse parâmetro de sociedade, a letra da música do trovador Martins José denota a personagem. Segundo Severino (2013) foi samba-enredo que enalteceu Maria Taquara no carnaval da década de 80 e explodiu na boca do povo na Avenida Mato Grosso.

Maria Taquara, Maria meu bem.
Mulher de todos, que não é de ninguém.
Taquara de dia, de noite meu bem,
Maria Taquara, não é de ninguém.
Muié de sordado, de meganha também.
De dia Maria, de noite meu bem.

Maria é Cuiabá, Cuiabá é Maria
Não importa se é noite, não importa se é dia.
Maria é Taquara,
Taquara é Maria,
Avançada no tempo,
Mulher fantasia (Martins, 2017).

Alguns arriscam dizer que ela era uma prostituta, mas não existem evidências que confirmem este fato (Duarte, 2019).

A entrevista da MTTV 1ª edição de Cuiabá diz que, Maria Taquara viveu na década de 1940, bebia muito e caiu na rua e como não usava a roupa de baixo, foi parar na cadeia. Na época Cuiabá passava pela reurbanização, pois no governo de Getúlio Vargas, várias ruas e avenidas surgiram bem como as edificações do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado, o Ginásio do Liceu Cuiabano, o grande Hotel, o Cine Teatro. De acordo com a reportagem diz que ela representa as lavadeiras, que na época era comum, e é tema de artistas plásticos.

Em face do padrão de sociedade, que estabelecia para a mulher na época, a função essencial de cuidar da família, a memória social retrata Maria da Conceição como uma mulher que fugiu dos enquadramentos e normativas da época, entre as décadas de 1930, 1950, devido ao modo de viver e de ser. Segundo Severino (2013) fumava charuto e cigarro de fumo de corda que ela mesma preparava e tomava pinga. Pinga mesmo! Inclusive nos botecos da moda de Cuiabá.

Na letra do gênero musical rasqueado⁶ cuiabano, composição de José Martins, gravado por Henrique, Claudinho e Pescuma, há menções sobre os personagens que ocupavam o espaço público das ruas de Cuiabá, cujos apelidos são evidenciados, construídos no imaginário social cuiabano: “A cidade vive dos que vivem nela, já dizia o grande locutor/ Tipos populares, boêmios sem fim, bêbados na esquina, vivem felizes sim/Viva Cobra Fumando, Maria Taquara, Zé Bolo-flor/Em cada esquina uma saudade/Em cada beco uma canção de amor (Bezerra, 2007, p 105).

Uma outra visão sobre a protagonista consta na entrevista do jornal O Livre contada por dona Eugênia, artesã de 73 anos, moradora da capital mato-grossense revela uma outra história sobre Maria Taquara. Segundo Eugênia morava próximo da personagem, e a família da artesã e de Maria moravam em Livramento por isso se conheciam. De acordo com o Almanaque Cuiabá de 2022:

Entre as décadas de 30 e 40, sua família, oriunda da zona rural de Nossa Senhora do Livramento. Quando o pai morreu, a mãe se mudou com ela

⁶ O Rasqueado Cuiabano tem origem em fins do século XIX, com influência do período pós-guerra do Paraguai. Os paraguaios remanescentes da Guerra começaram a se integrar junto com os ribeirinhos mato-grossenses para o convívio do dia-a-dia. Nessa interação de simbioses práticas, a viola-de-cocho e o violão paraguaio começaram a tocar uma nova música, mistura de siriri mato-grossense e polca paraguaia. O novo ritmo surgiu para a exaltação da volta à vida e para sepultar as lágrimas do grande conflito que influenciou o rumo da história latino-americana. Disponível em: www.portalmatogrosso.com.br/imprime.php. Acesso em: 10-04-2024.

e uma irmã para Cuiabá, mas não se adaptaram à cidade. Maria Taquara, contudo, começou a construir um casebre de pau a pique com dois cômodos e resolveu ficar na capital, sozinha. Foi restaurada por Fred Fogaça em 2009 e, mais recentemente, em 2019.

Conforme Eugênia Maria Taquara era uma mulher independente, lavava roupa e morava sozinha próximo do local onde hoje é o Shopping Goiabeiras e o nome da protagonista era Maria Conceição (Aguiar, 2017).

Para Eugenia, Maria não era de muita conversa, mas gostava da bebida. “Maria não fazia programas, não pedia esmolas e não vestia calças compridas com objetivo de empunhar alguma bandeira feminista” (Eugenia in: Aguiar, 2017). Sobre as razões que usava calça comprida, Eugenia conta que, foi devido a uma ocasião em que ela caiu na rua e estava de vestido como não usava a peça íntima, vestiram uma calça de homem e a partir disso, segundo a lenda, passou a usar (Aguiar, 28 abr. 2017).

A personagem histórica da capital mato-grossense Maria Taquara não deve ser interpretada com naturalizações sem contextualizações, mas enquanto, um monumento no espaço central da cidade pode servir de maiores conhecimentos no espaço escolar, embora falte maiores informações sobre a biografia da personagem e por essa razão um dos caminhos foi abordar através da netnografia:

A postura do pesquisador, ao entrar em campo, deve ser a de um estrangeiro que está conhecendo um local desconhecido. É preciso respeitar a cultura construída pelos indivíduos naquele contexto, deixando claro o objetivo da pesquisa e da participação do pesquisador na comunidade. Nesse aspecto, a netnografia aproxima-se muito da etnografia tradicional (Correa; Rozados, 2017, p 9).

Maria Taquara faz parte da história de Cuiabá, uma cultura, e é também resultado de práticas de uma determinada realidade social, que são construídas e materializadas por valores assim como os discursos existentes na sociedade são produtos de verdades elaborados por grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento situa-se num ponto de referência em que usuários e transeuntes tem apropriações e relações diversas com a praça.

Na observação etnográfica da Praça Maria Taquara, constatou-se que o seu uso se caracteriza como um espaço de fluxo urbano intenso, enquadrando-a nas características de praça, inclusive reforçada pela referência de um monumento histórico ligado culturalmente à memória

histórica local. No entanto, por sua geografia apresenta-se, hoje, como uma calçada estendida em frente às edificações comerciais do local, ligando uma via exclusiva ao transporte coletivo urbano, como um espaço ampliado, destinado aos pontos de ônibus e a atividades que se associam ao uso dos pedestres que fazem uso desse meio de transporte. Sobre a Praça Maria Taquara, é possível identificar que o monumento tem significação e a apropriação que a população faz de sua imagem, considerando o elemento como um ponto de orientação no espaço urbano. O documento/monumento não é inócuo, é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época em que o produziram, mas das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, diante disso é preciso analisar o monumento Maria Taquara e desmistificar a aparência, longe do óbvio daí escapar dos discursos naturalizados.

Com o resultado da pesquisa e da análise, a Praça Maria Taquara é o lugar do patrimônio, observou-se que as relações práticas de uso no fluxo local se inserem nas interfaces urbanas como espaço. A imagem de Maria Taquara remete a uma história, uma memória social construída na realidade social, mas, pode ser interpretada sob diversos olhares e há muito o que ser revelado. Sabemos que a pesquisa é espiralar, e as investigações sobre a praça e a referida protagonista não se encerram neste artigo. Algumas indagações ficam aqui para outros pesquisadores, que poderão enveredar nessa temática com novas indagações, novas propostas e, portanto, com outros olhares.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ednilson. **A outra história de Maria Taquara**. O jornal O Livre. Disponível em: <https://www.olivre.com.br/a-outra-historia-de-maria-taquara>. Acesso em 28 abril 2017.
- ALMANAQUE. Cuiabá. Monumento Maria Taquara. 2022. <https://almanaquecuiaba.com.br/monument-maria-taquara/> Cuiabá. Acesso em 15 abril 2024.
- AMEDI, Nathália da Costa. A Cidade (re)significada: A ideologia de modernização de Cuiabá no período Pós-divisão do Estado de Mato Grosso. **Revista Angelus Novus**. Nº 4. dezembro de 2012.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRASIL. **BNCC**. História. <https://www.alex.pro.br/BNCC%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso 16 abril 2024.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. [Le Città invisibile, 1972] tradução: Diogo Mainardi.
- CALLAI, C. H. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais (In)
- CASTROGIVANNI, A. C. (Org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

CASTROGIVANNI, A. C. (Org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p.

CORREA Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frotas. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 22, n.49, p. 1-18, maio/ago., 2017. acesso 20-04-2024.

DUARTE, Mirella. Rainha curandeira e revolucionárias que alvoroçaram a cuiabania. <https://www.rdnnews.com.br/cuiaba-300/rainha-curandeira-e-as-revolucionarias-que-alvoroçaram-a-cuiabania>. Acesso 18 abril 2024.

FROTA, Karla Patrícia Palmeira. Representação e Memória ao ar livre: A praça da saudade em Manaus. **Rev. Textos Debates**, Boa Vista, n.18, p. 251-268, jan./jun. 2010.

GOMES, Fábio. Coisas do Mundo: Monumento a Maria Taquara. <https://fabiogomesfotocinema.blogspot.com/2016/08/coisas-do-mundo-monumento-maria-taquara.html>. Acesso. 15 abril 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

MARIA TAQUARA. https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Maria_Taquara. Cuiabá. s/d. Acesso 18 abril 2024.

MARTINS Moisés. Maria Taquara. <https://moisesmendesmartins.wordpress.com/2011/02/22/maria-taquara/02-02-2011>. Acesso em 18 abril 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias *Rev. Bras. Hist.* vol.27 no.53 São Paulo jan./jun 2007.

SÁ, Salma Dias Almeida. A Cidade, os Monumentos Públicos e suas Relações com o Social. In: III ENECULT. **Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007**, Salvador. Salvador: UFBA, 2007. v. 1, p. 1 - 15. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/SalmaDiasAlmeidaSa>. Acesso em: 11 abr. 2017.

SEVERINO, Nelson. **Maria Taquara, o mito dos mitos de Cuiabá Mulher revolucionária, desafiadora dos padrões sociais da sua época**. <https://www.hnt.com.br/cuiabanalia/maria-taquara-o-mito-dos-mitos-de-cuiaba/30935> Cuiabá, 2013. Acesso 16 abril 2024.

SILVA, Alexandra Teixeira. **A Praça e a sua Função Social**. 2009. Disponível em: <http://www.lavras24horas.com.br/portal/a-praca-e-sua-funcao-social/>. Acesso em: 28 mar, 2017.

SUN, Alex. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2011. 236 p.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do Patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. revista fênix vol. 7. N° 2. Ano VII. maio/agosto 2010.

TRINDADE, Rafael. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/> Acesso em 28 de março de 2017.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel. 1983.

VIEIRA, N. R. O desencontro teórico-metodológico entre geografia escolar e a geografia acadêmica: o conceito de lugar em questão. **Revista Geografia e Pesquisa**. UNESP: Ourinhos, vol.2, n° 2, jul./dez, 2008.

VIERO, Verônica Crestani, BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. **Praças públicas: Origem, conceitos e funções**. In: Jornada de Pesquisa e Extensão, 2009, Santa Maria. Santa Maria: Ulbra, 2009. p. 1 - 3. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT>. Acesso em 10 abril de 2017.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Patrimônio cultural e história das mulheres: reflexões e possibilidades didáticas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 21, n. 69, p. 696-715, abr./jun. 2021.

ZARBATO; Jaqueline A. M. SANTOS, Caio Vinicius dos. Memória e Patrimônio na aula de História o uso do Monumento Histórico –Cultural na aprendizagem histórica. **Fronteiras: Revista de História**. Dourados, MS, v. 17 | n. 30 | p. 64 - 79 | jul. / dez. 2015.

Submissão: 23 de julho de 2024

Avaliado: 8 de outubro de 2024

Aceito: 29 de novembro de 2024